

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agor-bioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/08/2014 a 31/08/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL	4
BIODIESEL	4
Leilão de biodiesel arremata 625,7 milhões de litros, segundo a ANP. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/08/2014	4
ETANOL	4
Etanol foi o único produto agropecuário que subiu na BM&F. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 01/08/2014	4
Usinas esperam retomada do consumo de etanol. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 01/08/2014	4
GranBio inova e desenvolve suas leveduras transgênicas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 04/08/2014	6
Odebrecht Agro terá 'injeção' de até R\$ 1,5 bi. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 06/08/2014	8
Produção de cana-de-açúcar é revisada e deverá alcançar 659 milhões de toneladas – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 07/08/2014.....	9
Etanol hidratado cai ao consumidor de 12 Estados, segundo a ANP. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 11/08/2014	9
Agricultores do Paraná entram no Cade contra fusão da ALL e Rumo. Juliano Basile – Valor Econômico, Agronegócios. 12/08/2014	10
Com baixa moagem da cana, produção de etanol cai no final de julho – Folha de São Paulo, Cotidiano. 12/08/2014	11
Vendas de etanol caem 19% em julho em relação a julho de 2013. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 12/08/2014	12
Guarani prevê alta da gasolina e amplia seu estoque de etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 13/08/2014	12
Biosev registrou prejuízo 55% menor no primeiro trimestre. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 15/08/2014	13
Usineiro da Balbo diz que ‘Aécio dá mais entusiasmo aos investimentos’. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2014	14
Por etanol, usinas cancelam venda de açúcar. Camila Souza Ramos e Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2014	14
CTC na dianteira das pesquisas de uma semente para a cultura. Fabiana Batista e Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 26/08/2014.....	15
Novas tecnologias buscam modernizar o plantio de cana. Fabiana Batista e Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 26/08/2014	16
Estimativas de moagem de cana e produção de etanol são reduzidas – Folha de São Paulo, Cotidiano. 26/08/2014	18

Estiagem derruba produção de açúcar e etanol no Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/08/2014	20
Novo presidente da Câmara de Açúcar e Álcool pede a volta do Cide sobre a gasolina. Camila Turtelli – Folha de São Paulo, Cotidiano. 31/08/2014.....	21
POLÍTICA NACIONAL.....	22
BIODIESEL	22
Comissão eleva 'banda' de mistura do etanol. Cristiano Zaia – Valor Econômico, Agronegócios. 06/08/2014	23
Relatório da MP que aumenta percentual de biodiesel e de etanol é aprovado – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 06/08/2014	23
Ministro Rossetto participa de reunião sobre bioenergia. Gabriela Bontempo – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 27/08/2014.....	24
ETANOL	24
Dilma diz que estuda com Anfavea elevação da mistura de etanol na gasolina a 27,5%. Maria Carolina Marcello, Jeferson Ribeiro e Nestor Rabelo – O Estado de São Paulo, Economia. 06/08/2014.....	24
Câmara aprova aumento de mistura de etanol e biodiesel em combustíveis. Mariana Haubert – Folha de São Paulo, Mercado. 06/08/2014	25
Produção de etanol terá de dobrar no país até 2022, aponta projeção do governo – Folha de São Paulo, Cotidiano. 11/08/2014	25
Subsídio à gasolina é um dos desafios para as usinas. Ingrid Fagundez – Folha de São Paulo, Mercado. 11/08/2014.....	26
Líder de sindicato rural de Jaboticabal (SP) é eleito presidente de câmara ministerial – Folha de São Paulo, Cotidiano. 22/08/2014.....	26
Falta política de longo prazo para viabilizar etanol. Chico Santos – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014	27
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....	28
ETANOL	28
Agência dos EUA está próxima de decisão sobre novo mandato do etanol. Dow Jones Newswires – Valor Econômico, Agronegócios. 22/08/2014	28
AIE prevê produção menor de etanol e vê piora da situação no Brasil. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014	28
Oferta global ainda elevada deverá conter alta do açúcar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014	29

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

BIODIESEL

Leilão de biodiesel arremata 625,7 milhões de litros, segundo a ANP. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/08/2014

SÃO PAULO - A Agência Nacional de Petróleo (ANP) informou que foram arrematados 625,7 milhões de litros de biodiesel no 38º leilão realizado pela agência — 99% deste volume de produtores detentores do selo Combustível Social.

Segundo a ANP, o preço médio dos negócios foi de R\$ 1,913,70 por litro, sem considerar a margem Petrobras. O valor total negociado atingiu R\$ 1,209 bilhão, um deságio médio de 7,8%, quando comparado com o preço máximo de referência médio (R\$ 2,077/L).

Com o total comercializado, verifica-se que o mercado de óleo diesel prevê uma comercialização de cerca de 10,4 bilhões de litros de “B6” (mistura de 6% de biodiesel no diesel) para o quarto bimestre de 2014.

Os leilões visam a atender à mistura obrigatória de 6% de adição de biodiesel ao óleo diesel vendido ao consumidor, válida desde 1º de julho deste ano.

ETANOL

Etanol foi o único produto agropecuário que subiu na BM&F. Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 01/08/2014

Os problemas climáticos que afetam a safra canavieira na região Centro-Sul do país e o perfil mais "açucareiro" do que se imaginava da moagem fizeram do etanol a única commodity agropecuária negociada na BM&FBovespa a encerrar julho com cotação média dos contratos futuros de segunda posição de entrega superior a de junho. A alta foi pequena (1,46%), mas poderá ganhar fôlego a depender dos reflexos climáticos e da confirmação do aumento do percentual de mistura de etanol anidro na gasolina nos próximos meses. As cotações médias de boi, café, milho e soja caíram.

Usinas esperam retomada do consumo de etanol. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 01/08/2014

A demanda menor de combustível nos últimos meses tem reduzido as entradas de caixa das usinas nesta safra 2014/15. Além disso, a remuneração no setor sucroalcooleiro registou leve recuo no mês passado.

Outro fator de aperto é o encurtamento da safra -que deverá terminar mais cedo neste ano-, concentrando os custos de produção em um período menor.

O quilo de ATR (Açúcar Total Recuperável) está em R\$ 0,466 no acumulado da safra até julho, conforme dados divulgados nesta quinta pelo Consecana (Conselho de

Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Etanol do Estado de São Paulo). Em junho, o valor era de R\$ 0,467 por quilo.

Essa falta de reação dos preços ocorre, principalmente, devido à demanda menor por combustíveis. No primeiro bimestre do ano, o consumo vinha com uma elevação de 10% ante igual período de 2013. Nos dois últimos meses, houve uma queda de 5%.

A economia, um pouco abalada, e a menor movimentação dos brasileiros em julho, devido às férias e à Copa do Mundo, seguraram a demanda por combustíveis, que deve voltar a aumentar a partir deste mês.

Se esse aquecimento ocorrer e o mercado começar a ler com mais clareza os efeitos desse encurtamento da safra, os preços vão reagir, segundo Antonio de Padua Rodrigues, da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

Padua diz que a não reação dos preços e a quebra de safra elevaram os custos de produção neste ano. O diretor da Unica acredita que haverá uma recuperação de preços com a volta da demanda e que poderá melhorar também a remuneração da cana-de-açúcar para os produtores.

O valor médio da cana está em R\$ 62 por tonelada nestes primeiros meses de colheita, tomando como base a rentabilidade da matéria-prima.

*

Leite

Volume captado aumenta 4,3% em junho

As chuvas favoreceram a produção de leite em junho, quando houve aumento de 4,3% no volume captado nos sete Estados pesquisados pelo Cepea, em relação ao mês anterior. Já o preço líquido pago ao produtor no mês passado ficou estável, em R\$ 1,0127 por litro.

Refúgio A Aprosoja-MT propõe a obrigatoriedade do refúgio (essencial para manter o equilíbrio de pragas-alvo). A entidade sugere que as empresas apresentem ao Ministério da Agricultura os protocolos de pesquisa e experimentação de cada tecnologia.

Avaliação A Aprosoja quer a criação de um grupo técnico-científico para acompanhar os eventos de resistência a insetos e pragas. No caso de quebra de resistência, haveria a suspensão da cobrança de royalty e a retirada da tecnologia do mercado.

Busca de soluções A Bayer CropScience reúne na próxima semana, na Bahia, distribuidores e cooperativas para identificar problemas e soluções nos mercados em que atuam. A empresa quer parceria de longo prazo que beneficie os elos da cadeia, especialmente o produtor.

Participação maior O agronegócio foi responsável por 44% da balança comercial no primeiro semestre, segundo a CNA, tomando como base os dados do Ministério do Desenvolvimento.

Em alta No acumulado do ano passado, a participação do agronegócio havia sido de 41,3%, um percentual ainda superior aos 39,5% de 2012.

Feira Responsáveis pela maioria dos alimentos produzidos no país, segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, produtores da agricultura familiar se reúnem hoje em uma feira específica para o setor, a Agrifam, em Lençóis Paulista (SP).

*

Café

Mercado reage a novos dados de quebra de safra

O café subiu 7% nesta quinta (31) em Nova York. A aceleração ocorreu devido às novas estimativas de uma trading, que agora prevê a safra brasileira com volume inferior a 46 milhões de sacas. Há previsões no mercado de produção de até 3 milhões de sacas abaixo desse volume.

GranBio inova e desenvolve suas leveduras transgênicas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 04/08/2014

Com a ambição de ser pioneira na produção de etanol e químicos de segunda geração a partir da biomassa da cana-de-açúcar, a Granbio, empresa controlada pela Gran Investimentos, holding da família Gradin, entrou no mês passado com pedido de registro de patente de sua primeira levedura transgênica. O produto foi desenvolvido para uso no processo de extração de açúcares da celulose da cana (bagaço e palha). A expectativa da empresa é de, em até três anos, começar a usar a levedura na sua primeira usina de etanol celulósico, localizada em Alagoas.

Nos testes de laboratório, explica o presidente da GranBio, Bernardo Gradin, essas leveduras se mostraram capazes de extrair de forma eficiente açúcares tanto do carbono de cinco moléculas, chamado de C5, quanto do de seis moléculas, o C6. Esses dois carbonos estão presentes na biomassa da cana e, ao serem "quebrados", liberam açúcares que são usados para produzir etanol ou bioquímicos.

Mas ele observa que a descoberta só poderá ser testada em escala industrial após a aprovação pelos órgãos ambientais e pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) no Brasil. Por conta desse trâmite, ele prevê que os primeiros testes industriais com a levedura devem começar apenas no segundo trimestre do ano que vem. Gradin calcula que o uso da levedura própria em escala comercial na primeira fábrica significará uma economia para a empresa da ordem de R\$ 500 mil por ano.

Ele explica que o processo de aprovação de organismos transgênicos no Brasil está avançando, mas ainda é lento, demora em torno de 18 meses. "Nosso atual fornecedor de leveduras poderia nos oferecer uma espécie duas gerações à frente da que vamos usar inicialmente. Mas esse produto está esperando a aprovação para uso comercial", detalha.

As pesquisas da GranBio para desenvolver uma levedura própria começaram em julho de 2012, conta Gradin. Nessa área, já havia uma pesquisa básica feita pela Unicamp, com a qual a empresa fez um convênio. Em seguida, a companhia montou o Centro de Pesquisas em Biologia Sintética em Campinas (SP) onde, em um ano e meio, a levedura foi desenvolvida.

Nessa mesma época, lembra Gradin, a companhia montou um departamento de pesquisa com 58 profissionais, dos quais 27 pessoas PhDs (doutores) - incluindo o quadro da American Process Inc., empresa americana de tecnologia na qual a GranBio detém 25%.

A companhia brasileira também vai começar agora em agosto o plantio em maior escala da cana "energia", com um teor de biomassa (bagaço e palha) quatro vezes superior às variedades convencionais. Até então limitada a 60 hectares cultivados na estação experimental da GranBio, em Barra de São Miguel (AL), a área cultivada este ano com a nova variedade deve ser de, no mínimo, 1 mil, e no máximo, de 2 mil hectares.

Nas áreas experimentais, diz Gradin, a cana "energia" alcançou uma produtividade de 150 toneladas de por hectare, ante as 70 toneladas da produtividade média dos canaviais convencionais de Alagoas. "Temos áreas em que a produtividade chega a 500 toneladas por hectare", afirma.

A inauguração da primeira fábrica de etanol celulósico, batizada de Bioflex, ainda não tem data marcada. O plano inicial era, no fim de março, ligar as máquinas da unidade e começar a testar os equipamentos - fase chamada de "comissionamento" e que antecede o começo da operação em si.

A alteração do projeto inicial, que resultou no aumento da produção de eletricidade, foi a principal responsável pelo retardamento, aliada à ocorrência de chuvas nos últimos meses. Assim, explica o empresário, o comissionamento começou somente no início de julho.

A Bioflex, instalada no município de São Miguel dos Santos, vai usar como matéria-prima o bagaço e a palha da cana que será fornecida por usinas de cana-de-açúcar vizinhas, que produzem açúcar e etanol da forma tradicional (a chamada primeira geração). Essa primeira unidade, com capacidade para produzir 82 milhões de litros de etanol por ano, tem como principal parceira a Usina Caeté, do grupo Carlos Lyra.

O projeto original previa a implantação de uma caldeira na Bioflex suficiente para abastecer apenas a fábrica de etanol celulósico, gerando um excedente marginal de energia elétrica. Na revisão do projeto, a GranBio criou, por meio de uma Sociedade de Propósito Específico com o grupo Carlos Lyra, a Companhia Energética de São Miguel (CESM), com capacidade duas vezes maior de geração de vapor.

Com isso, além de abastecer as duas usinas, a planta de cogeração vai exportar 135 mil Megawatts-hora ao ano, o suficiente, segundo a GranBio, para abastecer uma cidade de 300 mil habitantes.

Sem mencionar valores, o empresário diz que, para realizar esse aumento da cogeração, foram feitos investimentos adicionais. O projeto original dessa usina estava orçado em US\$ 200 milhões. O projeto todo da GranBio é investir R\$ 4 bilhões para construção de quatro usinas de etanol de segunda geração (celulósico), duas unidades bioquímicas e duas biorrefinarias flexíveis.

Odebrecht Agro terá 'injeção' de até R\$ 1,5 bi. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 06/08/2014

A Odebrecht Agroindustrial, braço sucroalcooleiro do grupo Odebrecht, convocará este mês seus acionistas, entre os quais a BNDESPar, para realizar um aumento privado de capital. A meta é captar R\$ 1,5 bilhão entre os sócios. O grupo Odebrecht, que detém 56% de participação no negócio, já se comprometeu a aportar R\$ 820 milhões, afirmou ao Valor o presidente da Odebrecht Agroindustrial, Luiz Mendonça.

O aumento de capital é o segundo passo anunciado neste ano pela Odebrecht Agro para equacionar sua estrutura de capital e garantir investimentos nesta e nas próximas duas safras. A primeira medida foi a venda dos ativos de cogeração, por R\$ 3,7 bilhões, à Odebrecht Energia Renovável, subsidiária criada pelo grupo para investir em energia limpa. Até 31 de março, essa alienação de ativos significou uma desalavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda) da ordem de R\$ 1,1 bilhão - R\$ 478 milhões via transferência de dívida e R\$ 628 milhões em caixa.

Até março de 2015, vão entrar no caixa os R\$ 2,6 bilhões restantes dessa operação. "Considerando o aumento de capital do grupo Odebrecht, de R\$ 820 milhões, teremos uma redução (pro-forma) de cerca de R\$ 3,5 bilhões na nossa dívida líquida", afirmou Mendonça. Em 31 de março deste ano, a Odebrecht Agroindustrial informava um endividamento líquido de R\$ 10,8 bilhões e uma receita líquida de R\$ 2,6 bilhões.

Os recursos - tanto os provenientes da venda da cogeração quanto os do aumento de capital - vão garantir os investimentos de R\$ 2,3 bilhões já aprovados pelo conselho da empresa para o triênio que começou nesta safra 2014/15, explica o executivo. O orçamento prevê injetar R\$ 900 milhões em 2014/15 (basicamente plantio de cana-de-açúcar), R\$ 700 milhões em 2015/16 e outros R\$ 700 milhões em 2016/17. "Obviamente, se houver melhora do cenário para o etanol, podemos acelerar os investimentos. Se o quadro piorar, podemos questionar alguns deles", observou Mendonça.

Nas nove usinas que detém - em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás - a Odebrecht Agroindustrial deverá processar nesta temporada 2014/15 em torno de 27 milhões de toneladas de cana, 20% acima das 22,5 milhões de toneladas de 2013/14. Em duas safras, até 2016/17, a empresa pretende atingir a moagem de 32 milhões de toneladas.

O presidente da companhia preferiu não comentar sua expectativa quanto à postura dos demais acionistas da Odebrecht Agro sobre o aumento de capital. "Eles vão se manifestar na AGE [Assembleia Geral Extraordinária]. Todos têm sua estrutura de governança interna. Não tenho um guidance a anunciar sobre essa questão", disse Mendonça.

Com uma fatia de 14,4% da Odebrecht Agroindustrial, a BNDESPar, se participar integralmente da chamada de capital, terá de injetar cerca de R\$ 210 milhões. Já o fundo Ashmore, com 13,1%, teria que colocar em torno de R\$ 189 milhões para não ter sua participação no negócio diluída. A Tarpon Investimentos, com 2,4%, teria que aumentar seu capital em aproximadamente R\$ 34,6 milhões.

Se a captação atingir R\$ 1,5 bilhão, a estrutura de capital da Odebrecht Agroindustrial passará a ser composta por 15% de equity (capital dos sócios) e 85% de dívida, ante uma proporção atual de 2% e 98%, respectivamente, explicou o vice-presidente de Finanças da companhia sucroalcooleira, Alexandre Perazzo.

Esse plano estratégico, que culminou na venda da cogeração e agora na capitalização de R\$ 820 milhões, já vinha sendo desenhado pelo grupo há alguns meses, disse Mendonça. Segundo ele, a companhia segue "realista" no curto prazo, mas otimista nas perspectivas de rentabilidade do etanol no longo prazo. Questionado sobre se a empresa espera um reajuste dos preços da gasolina após as eleições, Mendonça se limitou a dizer que em algum momento o Brasil terá que corrigir esse rumo. "Essa correção está cada vez mais próxima".

A companhia também espera que a capitalização seja uma aliada na renegociação já iniciada com os bancos credores. Além do alongamento dos vencimentos, a empresa busca uma redução do custo da dívida. Em 31 de março deste ano, o endividamento bancário de curto prazo da companhia sucroalcooleira era de R\$ 5,275 bilhões. Mendonça informou que cerca de metade desse montante já foi alongado com os bancos. "Temos compromisso dos nossos credores de seguir com essa renegociação. O ideal é ter, no máximo, 20% dos vencimentos no curto prazo", afirmou Mendonça.

Produção de cana-de-açúcar é revisada e deverá alcançar 659 milhões de toneladas – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 07/08/2014

A cana-de-açúcar produzida na safra 2014/15 deverá chegar a 659 milhões de toneladas, volume semelhante ao período anterior. Os números são do segundo levantamento da safra de cana-de-açúcar realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado nesta quinta-feira (7), em Brasília.

O estudo mostra que houve elevação da área de corte, que passou de 8,8 para 9,1 milhões de hectares. As condições climáticas desfavoráveis contribuíram de maneira negativa na produtividade dos canaviais, sobretudo da região Centro-Sul.

A maior parte da produção de cana-de-açúcar deverá ser destinada para a produção de etanol, representando 54,2% da cana equivalente. A produção do etanol hidratado, utilizado nos veículos "flex-fuel", apresenta queda de 6,54% e sai da marca de 16,1 bilhões para 15 bilhões. Enquanto isso, o anidro, destinado à mistura com a gasolina, será elevado em 6,11%, passando de 11,8 bilhões para 12,5 bilhões de litros. A produção de etanol total deverá passar de 27,9 para 27,6 bilhões de litros. Já a produção de açúcar está estimada em 38,2 milhões de toneladas, com crescimento de 1% em relação aos 37,9 milhões de toneladas produzidas na safra passada.

(Assessoria de Imprensa da Conab)

Etanol hidratado cai ao consumidor de 12 Estados, segundo a ANP. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 11/08/2014

SÃO PAULO - Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, caíram ao consumidor final de 12 Estados na última semana e subiram em

outras 12 unidades da federação. Em dois Estados e no Distrito Federal, os preços ficaram estáveis, segundo pesquisa da Agência Nacional de Petróleo (ANP) referente ao período entre 3 e 9 de agosto.

A maior alta foi registrada em Mato Grosso do Sul, onde o preço médio do litro ao consumidor subiu 1,21%, a R\$ 2,164.

Já o Estado vizinho, Mato Grosso, teve a maior desvalorização semanal. Lá o preço médio do litro do hidratado foi a R\$ 1,21609.

Em São Paulo, maior consumidor de combustíveis do país, o preço médio do hidratado subiu 0,26% nos postos, a R\$ 1,875 o litro entre 3 e 9 de agosto. Nesse Estado, compensa mais ao consumidor, do ponto de vista econômico, abastecer com etanol do que com gasolina — segundo o parâmetro aceito pelo mercado de que essa viabilidade existe quando o preço do hidratado equivale a menos de 70% do preço da gasolina. Em São Paulo, essa paridade é de 65%. Essa relação também é vantajosa para o motorista do Paraná (68,6%) e de Mato Grosso (62,6%) e de Goiás (68,5%). Há, no entanto, estudos que indicam que essa paridade é de cerca de 80%.

Na usina em São Paulo, o indicador Cepea/Esalq para o hidratado entre 4 e 8 de agosto teve uma leve alta de 0,06%, a R\$ 1,2042 o litro.

Agricultores do Paraná entram no Cade contra fusão da ALL e Rumo. Juliano Basile – Valor Econômico, Agronegócios. 12/08/2014

BRASÍLIA - A Federação de Agricultura do Estado do Paraná (Faep) pediu ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) a imposição de restrições à fusão entre a América Latina Logística (ALL) e a Rumo, empresa de logística da Cosan.

A entidade está preocupada com o negócio, pois os agricultores do Paraná utilizam a ferrovia da ALL para escoar a produção. Eles estão temerosos com uma possível discriminação nos mercados de combustível e açúcar. Além disso, querem condições de igualdade no uso de terminais portuários.

A Faep quer que o órgão antitruste fixe metas para o carregamento de cargas de usuários da ferrovia. A entidade não chegou a fixar um percentual, mas pediu a adoção de providências ao Cade.

“É preciso garantir acesso a um bem essencial num cenário em que a infraestrutura no Brasil está longe do ideal”, afirmou a advogada Ana Paula Martinez, que defende a Faep, referindo-se à ferrovia. “Essa infraestrutura não pode ser usada só para atender ao grupo Cosan”, completou.

Além da Faep, mais três entidades de agricultores foram ao órgão antitruste para questionar a união entre a Rumo e a ALL. São elas a Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná (Alcopar), o Sindicato da Indústria do Açúcar do Estado do Paraná (Siapar) e o Sindicato da Indústria de fabricação do Alcool do Estado do Paraná (Sialpar).

Com baixa moagem da cana, produção de etanol cai no final de julho – Folha de São Paulo, Cotidiano. 12/08/2014

A produção de etanol na maior região produtora do país caiu 15,6% na segunda quinzena de julho, segundo informou a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) nesta terça-feira (12).

O motivo foi a baixa moagem da cana-de-açúcar no período, de 35,98 milhões de toneladas –a menor desde a safra 2007/2008, quando foram processados 25,27 milhões de toneladas.

Isso aconteceu porque, segundo a Unica, as usinas reduziram o ritmo de moagem diante da perspectiva de menor oferta de matéria-prima para processamento na safra.

A associação de usinas apontou que a quebra agrícola acumulada desde o início da safra até 1º de agosto deve atingir cerca de 7% na região centro-sul.

O motivo é o registro de chuvas em alguns pontos e a seca na maior parte das lavouras. A chuva dificulta a colheita e a moagem da cana, enquanto a seca afeta o desenvolvimento da planta.

De acordo com a Unica, levantamento do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) junto a 154 unidades produtoras indica que a redução no rendimento da área colhida em julho na região centro-sul deve ficar próxima de 10%.

Já no Estado de São Paulo esse número pode superar 13% no comparativo com o mesmo período de 2013.

A consultoria Datagro, uma das mais conhecidas do setor sucroenergético, apontou queda de 5,6% (para 560,5 milhões de toneladas) na produção da safra atual de cana-de-açúcar.

ETANOL

Na segunda quinzena de julho, a fabricação de açúcar reduziu 12%, somando 2,24 milhões de toneladas. O volume produzido de etanol caiu para 1,60 bilhão de litros, sendo 733,63 milhões de litros de etanol anidro e 868,11 milhões de litros de etanol hidratado.

Apesar destas reduções, no acumulado desde o início da atual safra até 1º de agosto, a quantidade fabricada de açúcar aumentou no comparativo com o mesmo período do ano anterior, saltando de 13,91 milhões de toneladas para 15,13 milhões de toneladas em 2014.

Igualmente, a produção acumulada de etanol cresceu para 11,87 bilhões de litros na safra 2014/2015 (5,12 bilhões de litros de etanol anidro e 6,75 bilhões de litros de etanol hidratado), alta de 4,48% relativamente ao volume observado no último ano (11,36 bilhões de litros).

No acumulado desde o início da safra 2014/2015 até 1º de agosto, o volume processado de cana somou 280,43 milhões de toneladas, contra 270,16 milhões de toneladas observadas em igual período do ano anterior.

Vendas de etanol caem 19% em julho em relação a julho de 2013. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 12/08/2014

SÃO PAULO - As vendas de etanol feitas pelas usinas do Centro-Sul no mês de julho recuaram 19,7%, a 2,026 bilhões de litros, na comparação com julho do ano passado, segundo dados divulgados hoje pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). Em relação a junho, houve um aumento de 2%. O volume ainda reflete o maior número de feriados em parte do mês passado, devido à realização da Copa do Mundo.

Desse total, 882,929 milhões de litros foram de etanol anidro, que é misturado à gasolina. Esse volume também significou uma queda em relação ao consumo de julho do ano passado (27,3%), mas

As vendas de etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, apresentaram recuo. Foram vendidos em julho 1,143 bilhão de litros desse biocombustível, 12,74% abaixo da comercialização observada em julho do ano passado. Em relação a junho, no entanto, houve alta de 4,7%, a 1,143 bilhão de litros.

Guarani prevê alta da gasolina e amplia seu estoque de etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 13/08/2014

O diretor da divisão Brasil do grupo Tereos, Jacyr Costa Filho, acredita que os preços do etanol vão subir no país e trazer efeitos positivos também para o açúcar em 2014/15. No trimestre encerrado em 30 de junho, o primeiro da atual safra canavieira e de seu exercício, a Guarani, empresa sucroalcooleira controlada pela Tereos Internacional, elevou em 50% seus estoques de etanol na comparação com o mesmo intervalo do ciclo passado, de olho no potencial de aumento do preço do biocombustível.

"Acreditamos que haverá um reajuste no preço da gasolina, o que trará reflexo direto para o etanol. Além disso, a entressafra será mais prolongada, o que tende a contribuir para elevar os preços do biocombustível".

Os estoques de etanol da Guarani atingiram 115 milhões de litros no primeiro trimestre da safra, com valor contábil de R\$ 117,1 milhões - 32% de etanol anidro, que é misturado à gasolina. Os estoques de açúcar também cresceram e totalizaram 248 mil toneladas, 27% acima de igual trimestre do ciclo 2013/14. "As cotações do açúcar tendem a ser beneficiadas pela alta do etanol. Mas temos que acompanhar a safra na Tailândia e os estoques na China".

A estratégia de carregar mais estoques, porém, teve impacto nos resultados da companhia. Nos três primeiros meses da safra, a Guarani teve lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado ao valor justo dos ativos biológicos (canaviais) de R\$ 95 milhões, 24% abaixo do registrado em igual trimestre do ciclo anterior. "Moemos cana bisada (que sobrou no campo do ano passado para este) o que eleva o custo com tratamentos culturais e com arrendamento", explicou.

A Tereos Internacional teve no primeiro trimestre prejuízo líquido de R\$ 32 milhões, reflexo, segundo a empresa, de razões contábeis.

Biosev registrou prejuízo 55% menor no primeiro trimestre. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 15/08/2014

A sucroalcooleira Biosev, segunda maior produtora de açúcar e etanol do país, informou que teve no trimestre encerrado em 30 de junho, equivalente aos primeiros três meses da safra 2014/15, um prejuízo líquido de R\$ 148,3 milhões. No mesmo período do ciclo passado, a empresa havia registrado um resultado negativo de R\$ 325,8 milhões.

O presidente da companhia, Rui Chammas, disse que o desempenho foi afetado pela estratégia de vender menos produto (açúcar e etanol) no trimestre e carregar mais estoques. Ao fim de junho deste ano, os estoques de açúcar estavam 77% mais elevados que nos doze meses anteriores e os de etanol, 70% mais altos.

Assim, a receita líquida da companhia, controlada pela francesa Louis Dreyfus Commodities, caiu 14,5% no trimestre, a R\$ 911,098 milhões. O volume vendido de açúcar caiu 19,3%, a 376 mil toneladas, mas o preço médio subiu 14%, destaca o executivo, a R\$ 1,086 mil por tonelada. "Foi uma combinação de eficiência no hedge de açúcar e venda de produto de maior valor agregado, como açúcar refinado e líquido". No caso do etanol, o volume vendido recuou 25,7% no trimestre a 269 milhões de litros, e os preços médios avançaram 3,8%.

Chammas ressaltou ainda que pesa sobre a empresa uma despesa financeira relevante, apesar de esse dispêndio ter caído no trimestre. O resultado financeiro líquido foi uma despesa de R\$ 87,7 milhões, ante a despesa de R\$ 241,7 milhões de igual trimestre de 2013/14. O resultado financeiro antes da variação cambial foi uma despesa de R\$ 135,8 milhões, ante a despesa de R\$ 104 milhões de um ano antes.

No trimestre, a companhia processou 9,7 milhões de toneladas de cana, aumento de 5,6% em comparação com o mesmo período de 2013/14. Conforme Chammas, o acréscimo reflete o desempenho das usinas dos polos de Ribeirão Preto (SP) e de Leme (SP)/ Lagoa da Prata (MG) que aumentaram a moagem em 11,1% e 17,1%, respectivamente.

No entanto, a Biosev registrou uma produtividade da matéria-prima 7,8% menor, de 74,1 toneladas de cana por hectare. Essa queda, segundo o executivo, reflete o impacto das geadas de julho de 2013 nos canaviais de Mato Grosso do Sul. Já o teor de açúcar na cana colhida pelo grupo ficou estável em 118,4 quilos por tonelada na comparação com igual trimestre de 2013/14.

Chammas reiterou que essa retração já estava inclusa no guidance anunciado em junho deste ano. Portanto, a companhia mantém a previsão de moagem de cana entre 29 milhões e 31,5 milhões de toneladas em 2014/15.

No trimestre, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização ajustado ao valor justo dos ativos biológicos (canaviais) recuou 0,5%, a R\$ 219,2 milhões. A margem Ebitda ajustada subiu 3,4 pontos percentuais, a 24,1%. Em função da menor disponibilidade de caixa típica dessa época do ano, explica Chammas, a dívida líquida em 30 de junho havia crescido 16,8%, a R\$ 4,056 bilhões na comparação com a posição de 30 de março deste ano.

Usineiro da Balbo diz que ‘Aécio dá mais entusiasmo aos investimentos’. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2014

SÃO PAULO - “Podemos investir um pouco mais, dependendo de quem for eleito à presidência”, disse Clésio Antonio Balbo, presidente da companhia, durante evento de premiação do Valor 1000, em São Paulo.

Para ele, a eleição de Aécio Neves, candidato do PSDB à presidência, tende a dar “mais entusiasmo aos investimentos”.

“Nós conhecemos o trabalho do Aécio em Minas Gerais, trabalhamos muito próximos da equipe dele quando instalamos nossa usina em Uberaba. Ele reconhece e apoia o setor”, afirmou Balbo, lembrando que 60 usinas do país fecharam as portas no governo atual.

Quanto à candidatura de Marina Silva, Balbo diz que ainda não consegue imaginar como seria seu governo.

“Ela não tem experiência como governadora do Acre, por exemplo. Fica difícil saber como seria”, conclui.

O Grupo Balbo, sediado em Sertãozinho (SP) e detentor de três usinas de cana, pretende investir em torno de R\$ 30 milhões em 2015, valor inferior à média anual de R\$ 78 milhões da última década.

O grupo foi o vencedor do prêmio na categoria açúcar e álcool.

Por etanol, usinas cancelam venda de açúcar. Camila Souza Ramos e Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2014

De olho na remuneração do etanol, cerca de 14% maior do que a do açúcar, as usinas do Centro-Sul do país estão se posicionando para maximizar a fabricação do biocombustível nesta safra 2014/15. Nos últimos dias, a indústria começou a cancelar contratos de venda de açúcar para direcionar mais cana para a produção de etanol. O mercado estima que essas operações envolvam um volume entre 500 mil e 600 mil toneladas de açúcar que deixarão de ser produzidas.

Esse tipo de cancelamento, conhecido como "washout", está previsto em contrato e é consensual entre usinas e tradings. Implicam, no entanto, pagamento pela usina de uma multa à trading. Basicamente, o que os dois lados fazem é "dividir" o resultado adicional com a conversão de mais cana para etanol, em vez de seu uso para produzir açúcar. Diversas tradings estão estimulando esse tipo de negociação, explica o sócio da consultoria FGAgro, Gustavo Torrano Correa. "Além de ganharem o prêmio da usina, evitam um problema, uma vez que há dificuldades em dar destino para todo o açúcar na velocidade em que ele vem sendo produzido", afirma.

A estimativa da consultoria, com sede em Ribeirão Preto (SP), é de que esses cancelamentos possam chegar a um volume de 500 mil toneladas de açúcar. Já nos cálculos da comercializadora de etanol Bioagência, esse volume será próximo de 600 mil toneladas. O diretor da comercializadora, Tarcilo Rodrigues, diz que esses

cancelamentos o levaram a revisar para baixo a produção de açúcar prevista para o Centro-Sul a 31 milhões de toneladas, ante as 31,6 milhões da última estimativa. Já para a produção de etanol, ele prevê 23,8 bilhões de litros, ante 23,4 bilhões iniciais.

O etanol hidratado vem se mostrando mais remunerador do que o açúcar há muitos meses, de forma que, nesta safra, ou seja, desde abril, em nenhum momento o etanol deixou de estar à frente da commodity (ver gráfico acima). Segundo cálculos da FGAgro considerando o fechamento da última quinta-feira do contrato de agosto do etanol hidratado na BM&FBovespa, o biocombustível está remunerando 13,3% acima do açúcar bruto em Nova York (primeiro vencimento).

O cenário se repete para os contratos com vencimento em 2015. As telas de mercado futuro (também com fechamento na última quinta-feira) indicam que, em março de 2015, o etanol estará remunerando quase 20% acima do açúcar - 19,22 centavos de dólar por libra-peso, ante 17,51 centavos de dólar por libra-peso do açúcar.

O consultor de gerenciamento de risco da FCStone, Bruno Lima, acrescenta que algumas usinas têm "receio de não terem cana suficiente para produzirem o açúcar contratado", outro motivo para os cancelamentos.

Até o momento, porém, as usinas não têm conseguido produzir todo o etanol que gostariam. O clima seco acelerou a moagem e o teor de açúcar na cana está elevado, o que "enche" as duas fábricas (de açúcar e etanol), reduzindo a flexibilidade da indústria para mudar o mix.

As operações de "washout" deram impulso aos preços do açúcar em Nova York na quinta-feira. Já na sexta, o produto voltou a sofrer diante da migração da demanda da bolsa para o mercado físico no Brasil. Com a expiração do contrato de outubro, os compradores estão com receio de receber na bolsa o açúcar da Tailândia, que está com baixa qualidade, explica Lima, da FCStone.

"O país vai entregar na bolsa porque não consegue encontrar destino no mercado físico pela qualidade baixa do produto. Mas ninguém quer correr risco de receber esse açúcar", afirma o analista.

Segundo Bruno Lima, o temor dos compradores é com os gastos adicionais para refinar esse açúcar deteriorado e deixá-lo pronto para ofertá-lo ao mercado. O cálculo é de que o gasto para retirar e transportar o açúcar do Brasil (em torno de 100 pontos acima da cotação em Nova York) é igual ou até menor que o custo de refino do produto tailandês.

Essa preocupação levou muitos compradores, mesmo os próximos à Tailândia, a venderem suas posições na bolsa e buscarem o produto no mercado físico brasileiro, considerado de melhor qualidade. Com isso, houve pressão negativa nos futuros do demerara na bolsa. Os lotes para outubro caíram 2,19%, para 15,64 centavos de dólar por libra-peso.

CTC na dianteira das pesquisas de uma semente para a cultura. Fabiana Batista e Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 26/08/2014

Dentre as diversas tecnologias desenvolvidas e em fase de pesquisa para resolver o

gargalo no plantio de cana, a mais ambiciosa é a que busca uma semente de cana-de-açúcar. No mercado, comenta-se que há dois projetos com esse objetivo no país, mas o único público até o momento é o do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), uma empresa que tem como controladores a Copersucar e a Raízen (Cosan / Shell).

Com recursos do BNDES e da Finep, o projeto deve resultar no lançamento comercial de uma semente de cana entre 2017 e 2018, segundo o diretor do CTC, o pesquisador William Burnquist.

A nova tecnologia, diz o executivo, vai significar uma grande economia de tempo no plantio de cana. Atualmente, uma usina padrão leva três meses para fazer o plantio de sua área anual de renovação, geralmente equivalente a 16% de sua superfície total. Com o desenvolvimento de sementes, esse trabalho será feito em dez a 20 dias, segundo ele.

O projeto do CTC vem sendo desenvolvido desde 2008, mas ainda não chegou a um resultado final, explica Burnquist. Um dos desafios, diz, está no aspecto biológico, ou seja, criar uma semente que não seja, por exemplo, sensível à estiagem. Outro desafio se refere à automação do sistema de produção das sementes em escala comercial. "Hoje há um sistema semimecanizado, ou seja, ainda envolve muitas pessoas. Mas temos parceiras para desenvolver um sistema de automação". Já para cultivo dessas sementes, segundo ele, é possível adaptar as plantadeiras atuais de milho e de soja.

A semente é feita de uma região específica da cana, onde fica o material vegetativo da planta. Esse material é induzido a produzir uma semente artificial, explica Burnquist. De que parte da planta o material é retirado exatamente é algo mantido em sigilo. "Essa informação é estratégica, pois faz diferença no processo, é a parte mais apropriada da planta", justifica o executivo.

A grosso modo, com a parte vegetativa da cana se cria um embrião que será nutrido e protegido (encapsulado) por um endosperma (um tecido vegetal, normalmente feito de amido do milho). De acordo com Burnquist, com a semente, haverá uma redução significativa do índice de falhas do canavial. Com o método convencional de plantio, esse índice é de 10% a 15%. "Com a semente, esse percentual vai cair a menos de 5%", afirmou o executivo do CTC.

Novas tecnologias buscam modernizar o plantio de cana. Fabiana Batista e Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 26/08/2014

Realizado praticamente da mesma forma como há 500 anos, o plantio de cana-de-açúcar no Brasil vem ganhando espaço na estratégia das empresas de tecnologia para o agronegócio. O foco é abocanhar participação de um mercado estimado em R\$ 2,7 bilhões anuais - montante que considera apenas o gasto da região Centro-Sul do país com mudas para renovação de canaviais.

Neste ano, somente o BNDES e a Finep aprovaram recursos via PAISS Agrícola para seis planos de negócios de pesquisa de novas tecnologias para plantio dessa matéria-prima, com desembolso previsto de cerca de R\$ 160 milhões.

Por ano, cerca de 1,5 milhão de hectares de cana-de-açúcar são cultivados no Centro-Sul devido à necessidade de renovação - 17% da área total de cana. O problema é que o

método tradicional de plantio obriga as usinas a fazerem mudas com a cana que poderia estar sendo processada na fábrica. Com isso, a indústria precisa destinar pelo menos 5% da área de cana para essa finalidade, segundo estimativas do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC).

A primeira tentativa de resolver esse gargalo foi apresentada pela multinacional Syngenta em 2010, com o lançamento do Plene. A tecnologia consistia em toletes de 5 cm de cana (no sistema convencional, eram toletes de até 40 cm), oriundos da biofábrica da empresa em Itápolis (SP), que poderiam ser plantados diretamente na área comercial. O produto, considerado uma revolução na época, foi lançado com a promessa de gerar um ganho de produtividade de 5% a 10% aos canaviais.

Apesar de inovador, o produto não deu certo. Em 2011, a companhia já tinha fechado vendas de US\$ 350 milhões, em contratos de cinco anos mas, com a performance em xeque, precisou tomar uma decisão difícil: retirar a tecnologia do mercado e levá-la de volta ao ambiente de pesquisa. "O principal obstáculo foi produzir o Plene industrialmente, em grandes volumes", afirma Leandro Amaral, diretor de marketing para cana-de-açúcar da multinacional suíça.

Mesmo não tendo deslançado, o Plene foi tão inovador que despertou o interesse dos competidores. Cerca de um ano após a retirada do Plene do mercado, mais precisamente em junho de 2013, a Basf lançou sua tecnologia de mudas pré-brotadas (MPBs), o AgMusa - à semelhança do Plene PB, que viria a ser lançado mais tarde pela Syngenta.

O AgMusa começou a ser desenvolvido cinco anos atrás e rendeu sete patentes à Basf. "Criamos um processo que envolve muda com garantia de sanidade, tratamento fitossanitário e equipamentos específicos para o plantio", explica Antonio Cesar Azenha, gerente do departamento de marketing da unidade de proteção de cultivos da companhia no Brasil.

Por ser uma tecnologia nova e ainda de custo elevado, as mudas pré-brotadas têm, por ora, pouca participação na área de cana do país. Na urgência de avançar nessa frente, as próprias usinas estão desenvolvendo projetos para tornar essas mudas pré-brotadas mais acessíveis, como a Raízen, controlada pela Cosan e pela Shell, que teve seu plano de negócios aprovado pelo PAISS Agrícola.

Muitas pesquisas estão sendo feitas em parceria com multinacionais de sementes. A Odebrecht Agroindustrial, braço sucroalcooleiro da Organizações Odebrecht, escolheu a tecnologia da Basf para ampliar o leque de variedades cultivadas no Centro-Oeste.

Atualmente, a Odebrecht Agro gerencia uma área própria de 400 mil hectares de cana-de-açúcar, praticamente uma Grande São Paulo de cana. A tecnologia de MBP em si já existe, explica Américo Ferraz, responsável pela área agrícola da companhia. O que o projeto traz de inovador é o compartilhamento da produção dessas mudas pré-brotadas, cujo custo ainda é considerado elevado. "Implantar um viveiro com MPB custa de R\$ 10 mil a R\$ 13 mil por hectare. Com o compartilhamento, esse custo será reduzido a R\$ 7,5 mil ou R\$ 8 mil", compara.

Em torno de 70% dos canaviais da Odebrecht Agro no Centro-Oeste estão concentrados em três variedades de cana, quando o recomendado é que uma variedade não ocupe

mais do que 10% a 15%, explica Ferraz. Para esse "equilíbrio varietal", a empresa pretende, em quatro anos, investir R\$ 48 milhões, com financiamento do BNDES e da Finep, no cultivo anual de 500 hectares de mudas.

Em seus viveiros em Santo Antônio de Posse (SP), a Basf multiplica variedades de cana concebidas por parceiros, como CTC e Ridesa (Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético), e então extrai a matéria-prima (gema), que gera as mudas. Conforme Azenha, no sistema convencional são necessárias 20 toneladas de cana para plantar um hectare, número que cai para menos de duas toneladas (ou 13 mil mudas) com o AgMusa. O ganho de produtividade pode ficar entre 20% e 40%, diz o executivo. "Obviamente, o atual momento do setor limita investimentos, mas temos sentido alta receptibilidade".

Mas a rival Syngenta também entrou agressivamente nessa disputa. No fim de 2013, lançou produtos destinados à formação de viveiros: o Plene Evolve e o PB - este também direcionado ao preenchimento de falhas nos canaviais. Mas foi apenas em julho que a companhia acenou com um substituto para o primeiro Plene, anunciado seis anos atrás.

Para solucionar os entraves do passado, o novo Plene (que como seu predecessor é destinado ao plantio comercial) aposta em uma tecnologia desenvolvida com a canadense New Energy Farms para ganhar potencial de escala. Contudo, a comercialização do novo produto terá início somente em 2017. "A tecnologia já foi testada com sucesso em canaviais na Flórida [EUA]. Agora, vamos adaptá-la às variedades do Brasil", diz Amaral.

A expectativa da Syngenta é que o Plene reduza o custo da tonelada produzida de 10% a 15%, em função da simplificação do maquinário, dos benefícios agrônômicos em usar mudas vindas de sua biofábrica (que usa até iluminação LED para acelerar a produção dos materiais) e da destinação da área de viveiros à produção comercial. "O setor precisa de 350 mil hectares de viveiros, e a 'devolução' dessa área para as usinas tem potencial para gerar receita adicional de R\$ 1,6 bilhão por ano ao setor", acrescenta o executivo.

Ele diz que o mercado reconhece o pioneirismo da Syngenta em um movimento inovador e, por isso, a concorrência não é vista de forma negativa. "Todos que buscam melhorias para a cana vão ajudar a deixar o setor mais rentável. Todo mundo se beneficiará disso", afirma.

Estimativas de moagem de cana e produção de etanol são reduzidas – Folha de São Paulo, Cotidiano. 26/08/2014

A seca levou as usinas de cana-de-açúcar da região centro-sul do país a reduzirem as estimativas de moagem e de produção de etanol para a safra atual (2014/2015).

Segundo relatório da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar) divulgado nesta terça-feira (26), a moagem da cana deve cair 5,88% –para 545,89 milhões de toneladas– em relação à previsão inicial, de abril.

Já a produção de etanol deve ser 7,23% menor. A expectativa é produzir 24 bilhões de litros, 1,58 bilhão a menos do que o registrado na safra anterior (2013/2014).

A Unica, porém, afirma que a produção será suficiente para abastecer o mercado interno. Isso graças ao declínio nas exportações do combustível e a menor produção de açúcar por causa do baixo preço.

De acordo com os dados da instituição, as exportações do combustível devem cair para 1,2 bilhão de litros neste ano, ante os 2,57 bilhões de litros da safra passada.

"Esse declínio das exportações [de etanol] e a menor produção de açúcar compensarão quase integralmente o recuo da produção de etanol combustível, dando total segurança para o abastecimento doméstico", disse o diretor-técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues, por meio da assessoria.

No acumulado desde o início da safra 2014/2015 até 16 de agosto, a quantidade produzida de açúcar somou 17,91 milhões de toneladas. Neste mesmo período, a fabricação de etanol atingiu 13,91 bilhões de litros, sendo 6,02 bilhões de litros de etanol anidro (misturado à gasolina) e 7,89 bilhões de litros de etanol hidratado (direto na bomba).

"A nossa expectativa é de que as vendas de etanol hidratado cresçam nas próximas quinzenas, pois seu preço nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Paraná e São Paulo permanece em patamar bastante inferior ao valor cobrado pela gasolina, constituindo forte incentivo econômico ao consumidor", afirmou Rodrigues, por meio da assessoria.

LAVOURA

O caso mais grave é no Estado de São Paulo, que responde por cerca de 61% da cana produzida no centro-sul. Segundo a Unica, a queda na safra estadual pode chegar a 11,71% –para 324,43 milhões de toneladas.

"As condições climáticas observadas desde o início da atual safra foram piores do que aquelas utilizadas na elaboração da primeira estimativa, divulgada em 23 de abril", disse o diretor-técnico da instituição, por meio da assessoria.

Dados do CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) apontam que na região de Piracicaba (a 160 km de São Paulo), a quantidade de chuvas entre abril e julho foi 68,4% menor em relação ao nível histórico, com "prejuízo significativo" para a oferta de cana, informou a Unica.

Em relação à produtividade agrícola, segundo informações levantadas pelo CTC, a quebra acumulada desde o início da atual safra até o final de julho alcançou 6,42%, com 78,7 toneladas de cana-de-açúcar por hectare colhido, frente a 84,1 toneladas por hectare verificadas até esta mesma data de 2013.

No Estado de São Paulo, esta retração na produtividade agrícola deve ser ainda mais intensa. O valor acumulado desde o início da safra 2014/2015 até julho atingiu 79,2 toneladas por hectare, redução de 9,69% quando comparada às 87,7 toneladas por hectare registradas em igual período do ano anterior.

Para a primeira quinzena de agosto, dados preliminares apurados pelo CTC remetem a uma queda no rendimento agrícola da lavoura colhida no Centro-Sul de aproximadamente 13%, chegando a atingir 16% em São Paulo.

Para Rodrigues, "a quebra agrícola se acentuará nos próximos meses na medida em que as unidades comecem a colher cana com menos de 12 meses". "No Estado de São Paulo, estamos trabalhando com uma retração de produtividade em torno de 20% entre agosto e novembro, com áreas chegando a superar 30% nas últimas semanas de safra", afirmou.

A expectativa é de que a produtividade final do Estado para a safra 2014/2015 totalize 71,4 toneladas por hectare, queda próxima de 15% em relação às 83,3 toneladas por hectare registradas na safra 2013/2014.

Estiagem derruba produção de açúcar e etanol no Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/08/2014

Os números apresentados ontem pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) referentes à safra 2014/15 no Centro-Sul deixaram evidente o tamanho do estrago causado pela forte estiagem deste ano. Diante da constatação de que daqui em diante a cana colhida será a mais afetada pela seca, a Unica revisou para baixo suas projeções para produção de açúcar e também de etanol. Só em açúcar, a queda em relação ao estimado em abril será da ordem de 1,1 milhão de toneladas.

Na primeira quinzena de agosto, as usinas da região moeram 2,3% mais cana do que em igual intervalo de 2013/14, mas para isso, tiveram que colher uma área 14% maior. A expectativa é de continuidade da queda. "Já na segunda quinzena de agosto, a moagem acumulada deve ficar abaixo da realizada em igual período do ano passado", disse o consultor de gerenciamento de risco da FCStone, Bruno Lima. Desde o início da safra até 16 de agosto, o processamento de cana acumulou 325,3 milhões de toneladas, ainda 2,75% maior que em igual intervalo de 2013/14.

Segundo a Unica, no acumulado da safra o rendimento agrícola no Centro-Sul recuou 6,42%, mas, na primeira quinzena deste mês, essa quebra se acentuou e foi de expressivos 13%, sendo 16% em São Paulo.

Ficou claro também que as usinas estão desacelerando a moagem para produzir mais etanol. Nos primeiros quinze dias de agosto, o percentual de caldo da cana direcionado para a fabricação do biocombustível subiu mais de 2 pontos, para 54,27%, ante 52,11% de igual período de 2013.

Diante das evidências, a Unica, que representa 90% da produção de açúcar e etanol do país, revisou sua estimativa inicial, feita no fim de abril. A nova projeção significará, se confirmada, uma oferta de 31,355 milhões de toneladas de açúcar, 1,145 milhão de toneladas a menos do que o estimado em abril. Em relação à safra passada, a redução será de 2,940 milhões de toneladas.

A nova projeção, diz Lima, da FCStone, surpreendeu, pois apesar de o mercado já ter feito revisões, elas variavam entre 32,3 milhões e 32,5 milhões de toneladas. Também alavancou todos os contratos da commodity na bolsa de Nova York. Os de vencimento

mais imediato, em outubro, subiram 2,28%, ou 35 pontos, a 15,71 centavos de dólar por libra-peso. Os para março, subiram mais (30 pontos), a 17,63 centavos de dólar.

O mercado futuro ontem ignorou até a primeira estimativa para a safra 2014/15 anunciada pela Organização Internacional de Açúcar (ISO na sigla em inglês). Em vez de déficit, a entidade projeta que o ciclo mundial que começa em 1º de outubro será de mais uma sobra global - de 1,3 milhão de toneladas -, a quinta consecutiva.

Mas ainda não é possível prever se a alta se trata de um "voo de galinha", disse o consultor da FCStone, em relatório ontem. "Ainda há estoques elevados no mundo e no Brasil, além de incertezas sobre o efeito do clima na produção da Índia, Tailândia e China".

O mercado deve ajustar seu número de moagem de cana ao divulgado pela Unica, na visão do diretor da trading francesa Sucden no Brasil, Jeremy Austin. A associação que representa as usinas revisou para 545,8 milhões de toneladas o processamento da matéria-prima, 5,9% abaixo do estimado em abril. "O mercado vinha trabalhando com previsão de 549 milhões de toneladas, mas provavelmente, deve reduzir esse volume para algo mais próximo de 540 milhões", disse Austin.

A confirmação de uma safra mais alcooleira se justifica pela remuneração gerada pelo biocombustível. Mesmo com a alta do açúcar ontem em Nova York, o etanol continua na frente do açúcar. Segundo cálculos da consultoria FG Agro, de Ribeirão Preto (SP), o etanol hidratado para outubro na BM&FBovespa fechou ontem ao equivalente 18,15 centavos de dólar por libra-peso, 15,5% acima do mesmo vencimento do açúcar na bolsa americana.

A decisão das usinas do Centro-Sul de reduzir a produção de açúcar não será suficiente, no entanto, para poupar o etanol. A estiagem também vai resultar, segundo a Unica em uma produção de 24 bilhões de litros do biocombustível, 7,2% abaixo do estimado em abril e 6,14% abaixo do registrado no ciclo 2013/14.

A produção de anidro terá leve alta de 0,61% em relação ao projetado em abril, a 11,319 bilhões de litros, e de 2,83% em relação à temporada 2013/14. Já a de hidratado vai cair para 12,685 bilhões de litros, queda de 13,26% em relação à estimativa anterior e 12,92% em relação ao ciclo passado.

Novo presidente da Câmara de Açúcar e Alcool pede a volta do Cide sobre a gasolina. Camila Turtelli – Folha de São Paulo, Cotidiano. 31/08/2014

Presidente do Sindicato Rural de Jaboticabal (a 342 km de São Paulo), Ismael Perina Junior foi eleito no último dia 21 presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Açúcar e Alcool, órgão consultivo ligado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Na câmara, o principal pleito de Perina Junior será a volta da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) sobre a gasolina.

Segundo ele, o imposto pode retomar a competitividade do etanol e trazer um novo fôlego para o setor, que enfrenta a pior crise da sua história desde 2009.

Folha - O crescimento da produção de cana-de-açúcar é linear nos últimos anos. O que o setor fez para crescer?

Ismael Perina Junior - O setor tinha um crescimento de 10% ao ano até 2009, quando começou a passar por crise. Isso se agravou com medidas que o governo federal tomou para controlar os preços dos combustíveis. Houve falta de investimento e tivemos problemas climáticos que impediram esse crescimento.

A câmara pretende pleitear a volta da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) para a gasolina?

É o principal pleito do setor. Além de trazer competitividade para o etanol, um combustível limpo, era também fonte de recurso para os municípios canavieiros que recebiam esse repasse.

Qual seria o preço do etanol na bomba ideal para o setor?

É algo complicado, porque o ideal é que o preço dê cobertura aos custos de produção. Para que o setor continuasse produzindo com eficiência e rentabilidade, seria algo em torno de uns R\$ 0,35, R\$ 0,40 a mais do que o preço de hoje.

Mas isso faria o etanol deixar de ser vantajoso para o consumidor e ficar na bomba. A Cide, que está hoje zerada, permitiria que a gasolina também tivesse acréscimo e manteria a competitividade em relação ao etanol.

O setor enfraqueceu o diálogo com o governo federal. Por meio da câmara, é possível aproximar essa relação?

O Ministério da Agricultura tem dificuldade de interlocução com os outros ministérios e com a presidente. Mas a câmara sempre teve uma pauta na linha de tentar minimizar estes problemas.

O que o setor espera do próximo presidente?

Hoje existe um grande problema que é o de geração de energia no país. Isso demanda um empenho muito grande do próximo governante, que precisa entrar a fundo na questão.

Por que a região de Ribeirão Preto ainda registra queimadas de cana, já que 85% da colheita está mecanizada?

O produtor está preparado hoje para colher cana crua. Os focos de incêndio que acontecem durante o dia são criminosos ou acidentais, e não provocados pelo produtor. Temos denunciado isso. O tempo está muito seco e há muita palha nos campos, o que torna os incêndios muito difíceis de controlar.

POLÍTICA NACIONAL

BIODIESEL

Comissão eleva 'banda' de mistura do etanol. Cristiano Zaia – Valor Econômico, Agronegócios. 06/08/2014

A comissão especial criada no Congresso para tratar da Medida Provisória 647, que prevê o aumento do percentual de mistura de biodiesel no diesel vendido no país, aprovou nesta terça-feira a elevação da 'banda' de mistura de etanol anidro na gasolina de entre 18% e 25% para entre 20% e 27,5%. A novidade consta em relatório apresentado pelo deputado federal Arnaldo Jardim (PPS-SP) e precisa ser votada na Câmara e no Senado.

O texto original da MP, encaminhada pelo governo ao Congresso no fim de maio, não previa qualquer alteração da mistura do etanol na gasolina. O objetivo do Planalto com a medida, de elevar a proporção de biodiesel no diesel de 5% para 7%, também foi aprovada pela comissão, que é formada por deputados e senadores.

Pressionado pelo setor produtivo, o governo vem testando os motores dos veículos que rodam apenas com gasolina para checar a viabilidade técnica de elevar a mistura de etanol anidro no combustível fóssil de 25% para 27,5%. Conforme a indústria automobilística, esse aumento pode comprometer o desempenho dos automóveis.

Mesmo a Unica, entidade que representa usinas sucroalcooleiras do Centro-Sul do país, já não conta mais com a possibilidade de a elevação da mistura sair neste ano, por conta do calendário mais curto do Legislativo e da falta de consenso dentro do governo a respeito.

O líder do governo na Câmara, deputado Henrique Fontana (PT-RS) afirmou que, como o aumento proposto é apenas "autorizativo", não haverá oposição do Planalto. Os deputados vão tentar votar a MP no plenário da casa hoje. O Ministério de Minas e Energia informou que o governo apoia a elevação proposta por Jardim. Mas reiterou que sua implementação depende da conclusão dos estudos técnicos e ambientais em andamento.

Sobre o biodiesel, a comissão também aprovou uma alteração na MP. Pelo texto original, a mistura de biodiesel aumentaria de 5% para 6% em 1º de julho, como aconteceu, e passaria para 7% em 1º de novembro. E previa que, em casos como a quebra da safra de soja, matéria-prima mais utilizada para a produção de biodiesel no país, o governo poderia reduzir o percentual para 5%. A comissão, entretanto, aprovou hoje a limitação desse piso em 6%.

Relatório da MP que aumenta percentual de biodiesel e de etanol é aprovado – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 06/08/2014

O próximo passo é que o texto seja aprovado na Câmara e no Senado

O relatório da Medida Provisória (MP) nº 647, de 28 de maio de 2014, que aumenta o percentual de biodiesel no diesel e de etanol na gasolina, foi aprovada pela comissão mista formada por representantes da Câmara dos Deputados e do Senado, nessa terça-feira (5). A MP determinou que a mistura obrigatória de etanol anidro na gasolina suba

de 25% para 27,5%, e que o percentual mínimo do biodiesel no diesel seja de 5% para 6%, podendo chegar a 7%.

Para o coordenador geral da Secretaria de Produção e Agroenergia (SPA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), João Abreu, “esta medida ampliará o mercado brasileiro para óleos vegetais e gorduras animais e propiciará uma melhor utilização da capacidade instalada das usinas produtoras do biocombustível”.

O texto, agora, precisa ser votado nos plenários da Câmara dos Deputados e do Senado. A previsão é que a votação na Câmara seja nesta quarta-feira (6) e no Senado na próxima terça-feira (12).

Ministro Rossetto participa de reunião sobre bioenergia. Gabriela Bontempo – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 27/08/2014

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto, participou nesta quarta-feira (27), em Brasília (DF), da primeira reunião do Programa Nacional de Plataformas do Conhecimento sobre bioenergias, promovido pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). O encontro teve o objetivo de discutir os avanços e desafios do setor energético entre governo, instituições acadêmicas e empresas.

De acordo com Rossetto, o Brasil se destaca pelo potencial energético que possui. “Em todo o mundo não há País com uma dimensão energética como o nosso, que tenha, por exemplo, uma capacidade gigantesca e singular na produção de biomassa”, afirmou.

Biomassa é todo o recurso renovável que provêm de matéria orgânica – de origem vegetal ou animal – que tem por objetivo principal a produção de energia.

Os agricultores familiares também fazem parte desse processo por meio do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), criado em 2004, pelo Governo Federal. A proposta do programa é incluir socialmente, os produtores de matéria-prima do novo combustível como a mamona, a soja e a semente de girassol.

ETANOL

Dilma diz que estuda com Anfavea elevação da mistura de etanol na gasolina a 27,5%. Maria Carolina Marcello, Jeferson Ribeiro e Nestor Rabelo – O Estado de São Paulo, Economia. 06/08/2014

Atualmente, o percentual do etanol anidro na gasolina está em 25%

A presidente Dilma Rousseff disse nesta quarta-feira que o governo federal estuda em conjunto com a Anfavea, associação das montadoras de automóveis, a elevação do percentual de etanol anidro na gasolina dos atuais 25 por cento para 27,5 por cento.

Em entrevista coletiva após apresentação para o setor do agronegócio na Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Dilma também disse que pode considerar outros benefícios tributários para o setor de etanol.

**Câmara aprova aumento de mistura de etanol e biodiesel em combustíveis.
Mariana Haubert – Folha de São Paulo, Mercado. 06/08/2014**

A Câmara dos Deputados aprovou nesta quarta-feira (6) a medida provisória que determina o aumento dos percentuais de biodiesel misturado ao óleo diesel e do etanol à gasolina vendidos nos postos de combustíveis do país. O texto será analisado agora pelo Senado.

A proposta eleva para 27,5% o percentual de álcool anidro que será adicionado à gasolina, desde que exista viabilidade técnica para isso. Hoje, o percentual máximo é de 25%. A medida mantém o limite mínimo atual, que é de 18%.

A presidente Dilma Rousseff comentou nesta quarta que o governo estuda em conjunto com a Anfavea a elevação do percentual de etanol anidro na gasolina.

Em entrevista coletiva após apresentação para o setor do agronegócio na CNA (Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil), Dilma também disse que pode considerar outros benefícios tributários para o setor de etanol.

MUDANÇAS

De acordo com a proposta, o percentual obrigatório de mistura do biodiesel ao óleo diesel passou para 6% desde o início de julho e passará para 7% a partir de 1º de novembro de 2014. Até o final de maio, quando a MP foi editada pelo governo, o percentual era de 5%.

O relator da proposta, deputado Arnaldo Jardim (PPS-SP), alterou a permissão para que o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) possa alterar o percentual entre os limites de 6% e 7%. Inicialmente, a medida permitia uma redução até 5% por motivo justificado.

O texto estabelece ainda a previsão de que a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) regule os limites de variação.

A proposta do governo determina que o biodiesel a ser utilizado deverá vir, prioritariamente, da agricultura familiar. As normas para garantir o cumprimento desta exigência ainda serão editadas pelo governo.

**Produção de etanol terá de dobrar no país até 2022, aponta projeção do governo –
Folha de São Paulo, Cotidiano. 11/08/2014**

O governo federal estima que em 2022 o país precisará produzir 54,5 bilhões de litros de etanol, o dobro do que as usinas produziram no ano passado: 27,3 bilhões de litros.

A projeção foi feita por Cid Jorge Caldas, do departamento de cana e agroenergia, ligado ao Ministério da Agricultura.

Os números foram divulgados durante palestra em Sertãozinho (333 km de São Paulo), polo produtor de máquinas para usinas e que vive a maior crise da história.

A cidade tinha 15 mil trabalhadores nos anos 1990 nas indústrias, mas hoje conta com 10 mil. Se tivesse crescido o esperado, teria 20 mil funcionários, segundo o Ceise-Br (Centro Nacional das Indústrias do Setor Sucroenergético e Biocombustíveis).

"O governo acredita no setor, mas ajuda até onde dá", disse Caldas, se referindo ao fato de que a iniciativa privada precisa se adaptar e buscar soluções –com fusões, tecnologia e produtividade.

Ele disse que a União contribui e citou recursos do BNDES: dos R\$ 4 bilhões disponíveis, só a metade foi usada em 2013.

Subsídio à gasolina é um dos desafios para as usinas. Ingrid Fagundez – Folha de São Paulo, Mercado. 11/08/2014

A paralisação das atividades de usinas em São Paulo e em outros Estados é fruto da mudança de perspectivas no setor após a crise de 2008.

No governo Lula, que liderou campanha para incentivar o uso do etanol, o setor sucroalcooleiro viveu o momento alto do combustível. O objetivo das medidas era diminuir a dependência do petróleo e reduzir a emissão de gases poluentes.

Impulsionado pelo futuro promissor, o setor investiu milhões de reais em dezenas de novas usinas. No entanto, a crise financeira (e a alta dos juros de empréstimos), as dificuldades climáticas e, recentemente, os subsídios para baixar o preço da gasolina afetaram os planos.

"A perda de competitividade do etanol reduz a perspectiva de retorno e isso inibe investimentos", diz Elizabeth Farina, presidente da Unica. Além disso, o outro produto que segura a rentabilidade do ramo, o açúcar, não passa por bons momentos.

"Muitos países estão aumentando a produção para se tornarem autossuficientes. Isso faz o preço cair", diz Tatiana Gonçalves, gerente comercial da empresa NexSteppe na América do Sul.

Líder de sindicato rural de Jaboticabal (SP) é eleito presidente de câmara ministerial – Folha de São Paulo, Cotidiano. 22/08/2014

O presidente do Sindicato Rural de Jaboticabal (a 342 km de São Paulo), Ismael Perina Junior, foi eleito na quinta-feira (21) presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Açúcar e Alcool, órgão consultivo ligado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Atualmente, a Câmara é presidida por Luiz Custódio, presidente da Siamig (Associação das Indústrias Sucroenergéticas de Minas).

Segundo Perina Junior, um dos assuntos que serão tratados ao longo deste ano é o incentivo à cadeia produtiva do etanol.

Ele, que ficará por dois anos à frente da Câmara, já foi presidente da Orplana (entidade de plantadores de cana) de 2007 a 2013 e é engenheiro agrônomo formado pela Unesp.

Falta política de longo prazo para viabilizar etanol. Chico Santos – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014

Em documento intitulado "O que Esperamos do Próximo Presidente", a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) informa que mais 12 usinas de açúcar e de etanol podem parar de moer cana na safra 2014/2015, além das 44 que fecharam nas últimas cinco safras, em mais um desdobramento da crise do setor que tem, basicamente, três origens: a falta de competitividade do etanol por causa do represamento do preço da gasolina, a queda do preço do açúcar e o elevado endividamento das empresas contraído no período 2006-2008.

"Não vejo o futuro com otimismo", afirma Mírian Bacchi, pesquisadora do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz" (Cepea/Esalq) da Universidade de São Paulo (USP). Segundo ela, a primeira crise do setor do etanol no final dos anos 1980 teve uma justificativa econômica razoável, o preço do petróleo caiu de forma significativa, derrubando o preço da gasolina e com ela, a competitividade do etanol.

Agora, argumenta, o preço do petróleo está alto, acima de US\$ 100 por barril, mas o preço da gasolina segue estável no Brasil, defasado em relação ao preço internacional, como forma de segurar a inflação. Como o preço do etanol só é competitivo se for, no máximo, 70% do custo na bomba da gasolina, a técnica do Cepea entende que se instalou um problema difícil de ser solucionado. "A sociedade precisa decidir se quer ou não manter (produção de etanol)."

De acordo com o documento da CNA, o endividamento do setor equivale hoje ao faturamento de uma safra que é de aproximadamente R\$ 70 bilhões e há 50 empresas em processo de recuperação judicial. Segundo Mírian, com o endividamento em dólar em 2008, a quebradeira foi geral. A queda do preço do açúcar deram o tempero final ao quadro de crise.

A pesquisadora do Cepea critica a falta de uma política de médio e longo prazo que assegure menor interferência do governo no mercado de combustível. A volta da cobrança da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre a gasolina, como um imposto verde, deve ser considerada. O etanol reduz em até 61% as emissões de gases tóxicos e por isso deve ser beneficiado.

As propostas da técnica do Cepea estão entre as que a CNA elencou como essenciais a uma política que volte a estimular o desenvolvimento do setor. Outro desafio visto pela pesquisadora é o aumento da produtividade, hoje de 7 mil litros por hectare. A alternativa, segundo Mírian, seria investir em etanol de segunda geração (feito de bagaço de cana, entre outras alternativas), mas reconhece que, nas condições atuais, "falta incentivo para investir". Segundo a técnica, o custo do etanol de segunda geração que começa a ser produzido no país está na casa dos R\$ 1,70 a R\$ 1,80 por litro e precisa cair pra R\$ 1,35 para ser competitivo.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

BIODIESEL

ETANOL

Agência dos EUA está próxima de decisão sobre novo mandato do etanol. Dow Jones Newswires – Valor Econômico, Agronegócios. 22/08/2014

A Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA, na sigla em inglês) entrou na fase final do longo processo de regulação que deve determinar os novos níveis de etanol que as refinarias devem misturar à gasolina este ano. A partir de hoje, a Casa Branca tem 90 dias para revisar os níveis, que podem ser reduzidos.

No Senado, a pequena bancada do Estado de Iowa — principal produtor de milho dos EUA, grão a partir do qual é produzido o etanol no país — deve pressionar o Executivo a realizar a revisão até novembro para beneficiar o candidato democrata Bruce Braley, embora tanto ele como seu opositor do Partido Republicano, Joni Ernst, apoiem o atual padrão para o biocombustível.

Por enquanto, os produtores de etanol e as refinarias continuam em um limbo enquanto as novas regras não são definidas.

AIE prevê produção menor de etanol e vê piora da situação no Brasil. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014

GENEBRA - A situação econômica da indústria de etanol no Brasil “está piorando”, em parte por causa da regulação do preço da gasolina para conter a inflação, diz a Agência Internacional de Energia (AIE). Essa política “mina o etanol” economicamente, conforme relatório anual sobre energia renovável da entidade.

Com perspectivas menos otimistas para o Brasil e os Estados Unidos, a produção mundial de etanol foi revisada para baixo, para 104 bilhões de litros em 2020.

Globalmente, o desenvolvimento de energias renováveis está ameaçada de desaceleração nos próximos anos por causa de incertezas de regulação que existem em vários países, segundo a AIE.

No caso do etanol, a entidade nota que, após um período de rápida expansão, a produção e o consumo enfrentam desafios nos três grandes produtores.

No Brasil, a indústria de etanol sofre por tabela com a regulação do preço imposto sobre a Petrobras. Ao mesmo tempo, a produção cresceu em 2013 impulsionada por uma colheita maior que prevista de cana-de-açúcar.

Nos EUA, deficiências no mandato para uso de bicombustível criaram manifestos, levando a revisões que causam incertezas no mercado.

Na União Europeia (UE), as controvérsias sobre a sustentabilidade de bicombustíveis levou a uma proposta de limite do produto convencional que deixa a indústria sem saber exatamente qual será o ritmo da política europeia para o setor.

Por outro lado, está havendo uma mudança no avanço do etanol, com mais estímulos na África e no sudeste da Ásia, onde a ideia é reduzir a fatura do petróleo importado no futuro.

A produção de bicompostíveis poderá ficar em 139 bilhões de litros em 2020, inferior a projeção anterior, segundo a AIE.

No caso especificamente do etanol, que representa o grosso do bicompostível, a projeção agora para 2018, por exemplo, foi cortada em quase 4 bilhões de litros. Já a produção de biodiesel pode crescer, sobretudo, na Ásia.

Oferta global ainda elevada deverá conter alta do açúcar. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2014

Em evento para uma plateia formada por usineiros e traders de açúcar e etanol, em São Paulo, o banco holandês Rabobank anunciou uma lenta transição de sobra para déficit global de açúcar, mas previu cotações médias mais elevadas para a commodity na safra mundial 2014/15 (de outubro a setembro). Para o Brasil, a boa notícia vem do etanol, que tende a atingir na atual safra brasileira (de abril a março) preços médios quase 6% mais altos que no ciclo passado, mesmo sem reajuste da gasolina.

Mas se um aumento de 5% vier nos preços do combustível fóssil na bomba após as eleições, em novembro, as cotações do etanol na entressafra (de dezembro a março), até então projetadas em R\$ 1,34 por litro, podem atingir R\$ 1,38. O estrategista de Açúcar e Etanol do Rabobank no Brasil, Andy Duff, lembra que um reajuste de 5% comporia uma pequena parte da defasagem entre o preço interno da gasolina e o custo de importação do combustível, atualmente na casa dos 20%.

Mas o fato é que as distorções internas não são as únicas com as quais os produtores brasileiros de cana-de-açúcar têm que lidar. Uma produção mundial robusta de açúcar, apesar de uma persistente depreciação da commodity no mercado internacional, também é reflexo de intervenções governamentais em outros países produtores que impedem que esses preços deprimidos da commodity sejam sentidos pelo produtor fora do Brasil.

"Eu me refiro a subsídios ou tarifas de importação, que mantêm preços domésticos mais elevados do que as cotações internacionais, a exemplo do que acontece na União Europeia, nos Estados Unidos, na Índia e na China", explica Duff.

Assim, nas contas do banco holandês, a produção global de açúcar em 2014/15 deve ser de um volume semelhante às 182 milhões de toneladas produzidas em 2013/14. Assim, o saldo será de um déficit, depois de quatro ciclos de sobras de açúcar, no entanto, ainda em níveis insuficientes para grandes guinadas na cotação da commodity.

O Rabobank projeta um déficit na próxima safra entre 1 milhão e 2,5 milhões de toneladas que, tende a levar as cotações médias da temporada para algo entre 18,2 centavos, caso o piso de déficit se confirme, e 19,2 centavos de dólar por libra-peso, no caso de o teto da estimativa prevalecer.

A boa notícia, afirma o especialista, é que a produção na China vai cair 7%, para 13,4 milhões de toneladas, apesar dos subsídios, o que pode impulsionar importações da

commodity, apesar de essa premissa ainda gerar muitas dúvidas. "O governo chinês está pedindo para as refinarias não importarem mais açúcar a fim de não depreciar os preços internos. Temos que acompanhar".

Mas neste ano, até julho, a importação de açúcar pelos chineses cresceu em todos os meses em relação ao ciclo passado. Mas um fato é certo, conforme Duff: a maior parte da redução de 7% na área chinesa de cana migrou para o cultivo de eucalipto, que é uma cultura semi-perene, o que permite constatar, segundo o especialista, que vai demorar alguns anos para essa área voltar a ser plantada com cana.

Por outro lado, as exportações da Tailândia, principal concorrente do Brasil no mercado internacional da commodity, está em ritmo mais lento do que o esperado, o que faz o mercado acreditar em formação de estoques da ordem de 3 milhões de toneladas. A questão, segundo Duff, é que a nova safra no país asiático, projetada para repetir 11,6 milhões de toneladas, vai começar a entrar a partir de novembro e precisará ocupar os armazéns hoje com esse açúcar da safra anterior. "No curtíssimo prazo, esse produto terá que ir a mercado e, para isso, tende a haver um desconto no preço".

Para o atual ciclo no Centro-Sul do Brasil, o 2014/15, o Rabobank acompanhou a revisão da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), divulgada na terça-feira, de uma moagem de 546 milhões de toneladas. Muitas incertezas também cercam o tamanho da safra na principal região produtora de cana do Brasil no ano que vem. Neste momento, Duff projeta um piso de moagem de 560 milhões e um teto de 590 milhões de toneladas. "Apesar da seca neste ano, que prejudicou também o plantio da cana que será colhida no ano que vem, consideramos a possibilidade de oferta de 590 milhões de toneladas de cana. Partimos da premissa de que a cana é uma planta resiliente, com muita capacidade de recuperação. Se o clima na entressafra brasileira for bom, a planta se recupera", avalia.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa